

*** Roberto Rodrigues**

Em dezembro de 1965 minha Turma de engenheiros agrônomos terminava seu curso de 5 anos na gloriosa Escola Superior de Agricultura "Luis de Queiroz", em Piracicaba, pertencente à Universidade de São Paulo. Faz quase 50 anos!

Estávamos em pleno regime militar, e uma das estratégias do governo de então era integrar e ocupar o território nacional, sobretudo a enorme fronteira do cerrado do centro-oeste e a amazônia. Evidente que a melhor maneira - senão única - para fazê-lo com rapidez e resultados sociais e econômicos eficientes era o estímulo à agropecuária. E isso foi feito com mecanismos de colonização e distribuição de terras, sobretudo a produtores rurais experientes do sul do país.

As tecnologias então conhecidas não contemplavam formas adequadas de "domar" aquelas terras as vezes ácidas e secas, e nem a soja nem a brachiaria, fenômenos que viabilizaram o avanço para o cerrado, eram conhecidas dos produtores em geral. Em janeiro de 1966, quando nossa Turma entrou no mercado, havia no Brasil pouco mais de 300 mil hectares de soja com uma produtividade de 1200 quilos por hectare; hoje temos 30 milhões de hectares cultivados em quase todos os estados brasileiros, com uma média geral próxima a 3000 quilos por hectare! Uma revolução silenciosa que nos deu uma competitividade fantástica.

Fala-se muito - e com razões de sobra - no papel fundamental da Embrapa na conquista dos cerrados, através de tecnologias que os tornaram tão produtivos quanto as terras privilegiadas do sul e do sudeste. Mas também é verdade que o Instituto Agrônomo de Campinas já fazia pesquisas visando o aproveitamento das terras pobres do estado em diversas regiões desde os anos 60, que deram a base para os trabalhos da Embrapa. Hoje o cerrado é o Maracanã onde será jogada a partida final da Copa do Mundo da Segurança Alimentar que o Brasil vencerá com certeza...

Nossos órgãos de pesquisa e de extensão rural, além das escolas de agronomia criadas nos anos 1960 receberam o impacto daquela geração de jovens agrônomos que traziam a ambição - na ESALQ estimulada - de fazer do Brasil um grande país agrícola. As turmas daquela época alimentaram esta vontade patriótica e fertilizaram os caminhos da tecnologia tropical que faz do país um modelo de sustentabilidade reconhecido globalmente. Um dos maiores craques daquela Turma de 65 é Romeu Kiihl, o aclamado "pai da soja brasileira", que acaba de receber mais um reconhecimento por seu trabalho no Forum da Soja, recém terminado na Expodireto promovida pela exemplar cooperativa Cotrijal, de Não-Me-Toque, no Rio Grande do Sul. Mas não foi o único campeão!

E não foi só na soja que explodiu a produção nacional. De importadores de alimentos, com o trabalho de nossos pesquisadores, extensionista e produtores rurais, passamos a exportadores de carnes, do complexo soja, de suco de laranja, e aumentamos nossa presença no mercado mundial de café e

açúcar, quase os únicos produtos que exportávamos naqueles idos. E os agrônomos de anos anteriores e posteriores a 1965, foram a pedra de toque dos saltos conseguidos, abrigados em grandes instituições paulistas que foram perdendo apoio dos governos com o passar dos anos.

É tempo de reconhecer estes heróis e de voltar a valorizar os organismos de ensino, pesquisa e extensão. O mundo precisa do agro brasileiro e o agro brasileiro precisa de ciência e tecnologia sempre renovadas. Precisamos de novos campeões.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente da Academia Nacional de Agricultura (SNA)**